



## PODER

# Bento Albuquerque, o ministro inconveniente

Titular do Ministério de Minas e Energia é demitido após a confusa mudança de comando na Petrobras e as conversas que mantinha com políticos do Centrão sobre o projeto para a construção de gasodutos. Economista Adolfo Sachsida assume a pasta

» VINICIUS DORIA  
» CRISTIANE NOBERTO

A troca de comando no Ministério de Minas e Energia, com a demissão de Bento Albuquerque e a nomeação de Adolfo Sachsida — nome de confiança do ministro da Economia, Paulo Guedes —, surpreendeu a classe política e analistas econômicos por não mostrar sinais claros das intenções do presidente Jair Bolsonaro (PL). Em princípio, associou-se o troca-troca ministerial, anunciado na manhã de ontem, às últimas declarações do chefe do Executivo sobre o lucro recorde da Petrobras e os sucessivos aumentos de preço dos combustíveis anunciados pela estatal. Mas, ao longo do dia, essa percepção mudou. Bento Albuquerque não contava mais com a confiança do Palácio do Planalto desde o momento em que começou a enredar-se com questões políticas consideradas sensíveis ao governo.

Fontes do entorno de Bolsonaro, ouvidas pelo **Correio**, confirmaram que as últimas polêmicas envolvendo o agora ex-ministro ajudaram a isolá-lo. Dois fatos que se conectam foram apontados: a confusa mudança de comando na Petrobras e as conversas que ele mantinha com políticos do Centrão sobre o projeto que autoriza investimentos para a construção de gasodutos. Os recursos, que ultrapassam a casa dos R\$ 100 bilhões, sairiam dos cofres da União e beneficiariam diretamente um dos maiores empresários do país, Carlos Suarez, que detém o controle de empresas de distribuição e transporte de gás nas regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste.

No caso da Petrobras, o problema foi a indicação do presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, e do consultor Adriano Pires para os cargos de presidente do Conselho de Administração

Isac Nóbrega/PR



Bento Albuquerque com Bolsonaro: segundo fontes do Planalto, o agora ex-ministro já não contava mais com a confiança do presidente

### Memória

#### Tentativas frustradas

Desde 2015, já houve ao menos 10 tentativas de criar um fundo para bancar a rede de gasodutos, conhecido como *Brasduto*, por meio de projetos de lei e medidas provisórias. Nenhuma teve êxito. Desta vez, porém, empoderado pelo presidente Jair Bolsonaro, o Centrão acredita que tem voto suficiente para concretizar o plano apelidado no meio político de *Centrãoduto*.

da companhia e de presidente da estatal, respectivamente. Justamente por causa das ligações com Suarez — caracterizando conflito de interesses —, os dois desistiram do convite. Bento Albuquerque acabou indicando outro nome de confiança dele, o então secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis, general José Mauro Ferreira Coelho, para a presidência da Petrobras. Com a mudança no ministério, a situação de Coelho é incerta.

“O ministro (Albuquerque) estava flertando muito com a política”, disse uma fonte do governo, referindo-se às articulações do Centrão com a pasta de Minas e Energia. Ante a troca,

os temas sensíveis voltam ao controle do Planalto e da equipe econômica.

Um parlamentar influente do Centrão, ouvido pela reportagem também em condição de anonimato, confirmou que a demissão do ministro tem a ver com a atuação do MME. “Tem temas muito importantes e sensíveis na pasta e isso coloca em xeque qualquer pessoa que assuma o posto”. Ele disse que “o presidente (Bolsonaro) queria alguém mais enérgico” para lidar com as questões mais sensíveis envolvendo a Petrobras e admitiu que o ex-ministro já não atendia às expectativas do Planalto.

Dessa vez, nem os assessores

fardados de Bolsonaro foram consultados. Apesar de o ex-ministro ser almirante, ele nunca foi associado ao grupo de militares que cerca o presidente e mantinha uma postura discreta nos compromissos governamentais.

### Blindagem

Outro interlocutor do Planalto inferiu que o chefe do Executivo atendeu ao desejo de Paulo Guedes de blindar o ministério não só em relação às pressões políticas, mas, também, às decorrentes dos aumentos de preço dos combustíveis. Antes de ser demitido, Albuquerque estava, justamente, avaliando

propostas para evitar uma crise com os caminhoneiros autônomos, que ameaçam entrar em greve por causa do alto preço do óleo diesel (leia reportagem na página ao lado).

A mudança ministerial sinaliza, ainda, que haverá menos espaço para intervenção política na Petrobras, pois tanto Guedes quanto Sachsida já se manifestaram contra subsídios e controle de preços. No início de março, em entrevista coletiva, o agora ministro disse que medidas que geram dívidas em relação à situação fiscal fazem com que o risco país suba, o real se desvalorize e o preço dos combustíveis aumente. “Começa com uma medida para reduzir o preço do combustível, mas é equivocada. Vai ter o resultado contrário”, sustentou Sachsida, na ocasião. E completou: “Cabe a nós mostrar que não vai ter o resultado esperado”.

Com relação ao projeto que autoriza investimentos públicos para construção de uma malha de gasodutos — estimados em mais de R\$ 100 bilhões —, o tema ainda está na mesa do gabinete ministerial, à espera do novo ocupante. Lideranças do Centrão defendem que esse investimento saia dos recursos do pré-sal, mas articulam que a autorização ocorra por meio de uma emenda ao projeto de reestruturação do setor elétrico. Seria uma espécie de “atalho” para dar agilidade à aprovação da proposta, com o qual técnicos do Ministério de Minas e Energia não concordam.

Um parlamentar próximo ao presidente Jair Bolsonaro confirmou ao **Correio**, em caráter reservado, que as negociações com o governo relacionadas ao projeto do gasoduto “ainda estão ocorrendo”. De acordo com o parlamentar, “essa articulação está aqui há bastante tempo. Mas não se trata só de um lado (o do empresário Carlos Suarez), é benefício para muitas pessoas”.

## Congresso se divide entre defesa e críticas

» RAPHAEL FELICE

A mudança de comando no Ministério de Minas e Energia — com a saída de Bento Albuquerque e a chegada de Adolfo Sachsida — dividiu opiniões no Congresso. Enquanto a base do governo classificou a troca como natural, integrantes da oposição avaliaram o movimento como uma tentativa do presidente Jair Bolsonaro (PL) de desviar o foco de sua responsabilidade sobre a alta de preços dos combustíveis.

O senador Jean Paul Prates (PT-RN) definiu a mudança como “manobra pirotécnica”. Na avaliação do parlamentar, a demissão de Bento Albuquerque é “mais um capítulo de uma novela” em que Bolsonaro acena à sua base de apoiadores. “Ele fez um gesto para os caminhoneiros e seu eleitorado na tentativa de demonstrar que está lutando contra as altas nos preços, demitindo, primeiro, o presidente da Petrobras, e, agora, o ministro de Minas e Energia, quando a única solução para o problema é a

demissão do próprio presidente da República”, alfinetou.

Na opinião do senador, “os preços dos combustíveis vão continuar em disparada até que, a exemplo de outros países, o governo tenha a coragem de estabelecer algum tipo de política de Estado para conter esse fenômeno”. “Até as eleições, veremos mais manobras pirotécnicas como essa, e nenhum efeito positivo para a população, só para agradar a turma dele (Bolsonaro)”, acrescentou o líder da minoria no Senado.

O senador Alvaro Dias (Podemos-PR) destacou que a troca do ministro do MME não provocará alterações na estatal. “A substituição de ministro não muda a Petrobras. Só o presidente da República tem esse poder. Ele é responsável por indicar seis dos 11 membros do Conselho Administrativo. Ele tem a maioria, portanto, as decisões da empresa estão ligadas diretamente ao presidente da República”, afirmou.

Já o senador Carlos Viana (PL-MG) disse que a troca de

Waldemir Barreto/Agência Senado



Senador Carlos Viana diz que o presidente prepara alterações na Petrobras para o segundo semestre

ministros é algo “natural” e que Bolsonaro está preparando alterações na Petrobras para o segundo semestre deste ano. “O presidente tem a maneira dele de administrar e pode trocar na hora em que desejar. Ele já está preparando a questão da Petrobras para o segundo semestre, pois, assim que a guerra acabar (...), terminada a crise, vai ter de ter outra forma de lidar com o preço dos combustíveis”, frisou.

O deputado Marcelo Freixo

(PSB-RJ) disse considerar a troca de ministros uma estratégia do presidente da República para buscar se eximir de desgastes. “O que tem que mudar é o presidente da República e a política de preços da Petrobras. O povo brasileiro ganha em real, mas está pagando gasolina e diesel em dólar. Bolsonaro tenta arrumar um culpado para a alta dos combustíveis. Já que a culpa não pode ser dele, o culpado foi o ministro”, disse.

A deputada Bia Kicis (PL-DF) justificou que Bolsonaro está insatisfeito com a postura da Petrobras. “Ao mesmo tempo, ele é avesso a essa história de regular preço. Não vai fazer isso. O presidente não vai interferir, mas tem esperado uma contrapartida da Petrobras, e não veio. Ele escolheu uma outra pessoa, o ministro Sachsida, que é da total confiança, que fez um trabalho excepcional onde estava, na Economia”, disse.



O povo brasileiro ganha em real, mas está pagando gasolina e diesel em dólar. Bolsonaro tenta arrumar um culpado para a alta dos combustíveis”

Marcelo Freixo  
(PSB-RJ), deputado



O presidente está muito insatisfeito com essa postura da Petrobras. Ao mesmo tempo, ele é avesso a essa história de regular preço. Ele não vai fazer isso, mas ele tem esperado uma contrapartida da Petrobras e não veio”

Bia Kicis (PL-DF), deputada